**ÍNDIOS** **NA** **UNIVERSIDADE:** **DISTANCIAMENTO** **DA** **CULTURA** **OU**

**BUSCA POR DIREITOS?**

SOUZA, Jéssyca Nayara Silva de1

**RESUMO**

Um fenômeno crescente no Brasil é a entrada de jovens indígenas nas universidades brasileiras. Com isso, retorna-se a ideia de que os índios brasileiros estão se afastando cada vez mais de suas raízes culturais ao mesmo tempo em que se aproximam e absorvem nossos costumes. Partindo da ideia de que o diploma universitário não afasta os jovens índios de suas culturas, utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica em Silva (1999) Lima (2013) e Suchanek (2012), onde será revisada a história da população indígena e sua organização politica no Brasil e a análise sobre a busca dos índios pela formação superior. Ao fim deste trabalho, concluímos que o diploma universitário não é um mecanismo de afastamento das suas culturas e sim, uma nova ferramenta para essa população na busca pela garantia de seus direitos.

**PALAVRAS-CHAVE: INDIOS; UNIVERSIDADE; DIREITOS.**

No século IX, os reis europeus e chefes da igreja católica aliados aos comerciantes

passaram a “descobrir” e explorar outras terras em busca de riquezas. Essas terras, as

Américas, além de riquezas naturais possuiam também povos, os indigenas, com suas

culturas e modos de viver próprios. No entanto, assim como fizeram com as reservas

naturais, os portugueses violentaram e exploraram os povos indigenas, tomando-os

como escravos, como Explica Azanha e Valadão:

1 Aluna do 5º período do curso de Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

e-mail: [jessycasouza475@gmail.com](mailto:jessycasouza475@gmail.com)

Eixo Temático: Diversidade, Educação Étnico-Racial e Indígena.

No inicio do século XVII, com o controle do mercado de mão-de-obra negra pelos holandeses, os colonos lançaram-se ferozmente contra os índios. Verdadeiras carnificinas são cometidas e muitas revoltas indígenas surgem no Maranhão, Pará e Bahia. (AZANHA e VALADÃO, 1991, p: 21)

Apesar dos fatos terem ocorrido há muito tempo, a realidade dos índios não é muito diferente atualmente. Os povos indígenas enfrentam uma luta histórica por reconhecimento e garantia de direitos em nosso país. Essa luta tem refletido nos novos rostos que vemos nas universidades brasileiras: apesar de ainda serem poucos, cresce cada vez mais o número de índios universitários no país.

Mas, qual a razão desses jovens indígenas buscarem pelo ensino superior, ou melhor, pelo “nosso ensino”, o dos “homens brancos”? Será que esses jovens não querem mais seguir a cultura indígena, e sim a nossa cultura? Desde o momento em que assistimos pela televisão índios acessando a internet e se vestindo como nós, desenvolvemos a prepotente ideia de que eles almejam ser como nós. O velho desejo de vencermos e dominarmos uma cultura diferente ainda vive no Brasil, mesmo após 500 anos.

O que podemos ver atualmente é que, longe de estarem em busca do

“embranquecimento” imaginado por nós, os índios tem cada vez mais se organizado coletivamente em busca de direitos, mais precisamente a partir da década de 1970, nascendo assim várias organizações de movimentos indígenas. Segundo Silva:

A heterogeneidade foi a marca da década de 1980 e a característica dos movimentos indígenas ao irem se estruturando, organizando, articulando nas mais variadas formas. As bandeiras mais importantes continuaram sendo a luta pela terra e pelo reconhecimento de fato de suas sociedades e formas de vida, e a construção de relações de autonomiante o Estado. (SILVA, 1999, p: 98).

Com a organização politica, a população indígena conseguiu algumas conquistas dentro da Constituição Federal, assim “A primeira delas foi o abandono de uma perspectiva assimilacionista, que entendia os índios como categoria social transitória fadada ao desaparecimento” (Suchanek, 2012). Está contido no Art. 231 da Constituição Federal:

São reconhecidos aos índios, sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 1988).

Diante da entrada crescente de jovens índios nas universidades e o desenvolvimento dos movimentos indígenas desde os anos 1970 até os dias atuais, compreende-se que existe uma imensa relação entre a qualificação universitária e a defesa dos Direitos dos povos indígenas. Se antes, invasões e lutas braçais eram os instrumentos dos indígenas, hoje é o discurso, a argumentação do índio em prol de seus direitos sua maior arma.

Uma nova geração de índios usa de estratégias diferentes de seus antecessores para a conquista do respeito perante a sociedade.

Os grandes desafios e tensões atualmente vividos pelos povos indígenas e que são enfrentados pelos movimentos indígenas organizados tiveram e têm como porta-voz aqueles indígenas comprometidos com os interesses indígenas e que aprenderam a transitar pela linguagem culturalmente valorizada pela sociedade capitalista não indígena, apropriaram-se das ferramentas legais e jurídicas para recuperar direitos negados e muniram-se de argumentação em defesa de seus interesses. (LIMA, 2013, p: 124).

Assim, esses povos passam a ser representantes de si próprios, pois sempre houve a errônea ideia de que os índios, sendo considerados “selvagens” são incapazes de falarem por si e por isso, organizações são criadas para falarem por eles com o argumento da proteção, que muitas vezes também vira controle e atendimento de interesses de outros grupos, como é o caso da FUNAI segundo observa Suchanek:

Podemos observar que a diretriz principal das ações da FUNAI é a de manter o mesmo propósito de mercantilização das necessidades indígenas, através de um processo educativo que levaria à sua adaptação à vida civilizada, defendendo-os de doenças e perigos que estariam expostos devido à ausência de defesa militar e conhecimento científico, cabendo ao órgão federal suprir estas deficiências através da tutela. SUCHANEK, 2012, p: 261).

Dessa forma, conclui-se que a organização dos povos indígenas tende a se fortalecer daqui em diante com uma nova geração de índios diplomados em busca da consolidação de direitos e, acompanhado disso, a diminuição ou mesmo o fim do controle dos “homens brancos” sobre esses povos. Os jovens índios que vemos/veremos nas universidades não são menos índios, são pessoas ainda mais preparadas para lutarem e falarem por si.

**REFERÊNCIAS:**

AZANHA, Gilbero. VALADÃO,Virgínia Marcos. **Senhores destas Terras.** São Paulo: Atual Editora, 8° ed. 1991, p: 21.

LIMA, Sônia Filiú Albuquerque. **“Vão para a universidade, mas não deixem de ser** **índios”: Identidades/ diferenças indígenas produzidas na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.** 2013. 287 f. Tese (Doutorado em Educação)–UniversidadeCatólica Dom Bosco, Campo Grande. 2013, p: 124.

LOPES, Cinthia Fonseca, CRUZ, Erivânia Bernadino. (org.) Constiuição da República Federativa do Brasil. (1988) In: **Vade Mecum.** 6 ed. Fortaleza: Premius, 2015. p: 110.

SILVA, Rosa Helena Dias**. Movimentos Indigenas no Brasil e a Questão Educativa.**

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, N° 13. 2012, p: 98.

SUCHANEK, Márcia Gomes O. **Povos indígenas no Brasil: de escravos à tutelados.** **Uma difícil reconquista da liberdade.** Niterói: PPGSD-UFF, 2012, p: 261- 266.